



## **Expressões virtuais da dor: notas sobre as manifestações de luto na Internet<sup>1</sup>**

Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Piauí, Piauí, PI

### **RESUMO**

O texto se propõe a refletir sobre possíveis intersecções entre cultura, homem e sociedade, desenhadas e reordenadas a partir de processos midiáticos, tendo como eixo central para esta observação as significações da morte na Internet. O percurso adotado busca evidenciar a diversidade de representações e sentidos atribuídos à morte, através das manifestações de luto, no ambiente virtual. Para facilitar a clareza e o recorte cultural da análise, tomo como base manifestações de luto expressas em sites brasileiros e/ou por usuários brasileiros. São abordadas manifestações que revelam desde uma relação mais íntima entre enlutado e falecido até as demonstrações de luto para mortes que se tornam públicas pelas características de ampla exposição e conexão social propiciadas pela cibercultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** luto; cibercultura; comunicação.

Observar a comunicação como elemento constitutivo da cultura, nos tempos atuais, tem sido cada vez mais um exercício exigente e complexo. Isso porque, ao considerar a constante reorganização e intercâmbio de sentidos existentes pela exposição múltipla de códigos culturais, através dos diversos processos de comunicação possíveis, temos em vista a participação dos *media* na concepção de sujeito e sociedade contemporâneos.

Neste passo, ao conceber a comunicação como campo social em que se possibilita investigar a constituição de saberes sobre e para a sociedade, não é difícil vislumbrar a importância de eleger como foco deste ensaio a atuação e a interferência das novas tecnologias da comunicação na elaboração de sensibilidades, códigos e construções culturais que compõem o tecido social.

Não são recentes as reflexões que apontam as transformações da vida social em todos os seus aspectos a partir da influência das novas tecnologias da informação e da comunicação. Contudo, ao aproximar as técnicas dos processos sócio-culturais é preciso

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Tecnologias da Informação e da Comunicação do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista (UFRN), publicitária (UnP), especialista em Antropologia Urbana (UFRN), mestre em Ciências Sociais (UFRN), professora assistente da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: milena.freire@terra.com.br



cautela para não cometer o tropeço de sobrepor o papel dos meios aos dos códigos fundantes da cultura que neles se reestruturam e circulam:

(...) não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2003, p. 24).

No momento em que desperto o olhar para estes signos circulantes e sua relação com os meios, volto a pensar na participação destes novos ambientes socioculturais na constituição das sensibilidades coletivas e na formação do sujeito contemporâneo. Para isso, é inevitável apontar a cibercultura como objeto privilegiado neste campo de observação, que está diretamente ligado às novas tecnologias da comunicação. Por definição, a noção de cibercultura aqui trabalhada é a sintetizada por André Lemos (2003), como cultura contemporânea, marcada pela apropriação social-midiática da técnica, que, por sua vez, permite a ampliação das formas de ação e comunicação sobre o mundo.

Isso significa que se apresentam aos nossos olhos novas formas de ser e habitar o espaço social: modos plurais e singulares de se perceber a si, ao outro e ao mundo, proporcionados especialmente pela resignificação do tempo e do espaço através das novas ferramentas de comunicação. É importante salientar, neste ponto, que a consideração sobre novas formas de ação proporcionadas pelas mídias contemporâneas, sendo o exemplo privilegiado desta proposta a Internet, não desconsidera as construções midiáticas anteriores e suas relações. Ao contrário: não se trata de pensar em substituição, ou ruptura, mas em uma reordenação das mídias e de suas relações com o social, tal como sugere André Lemos (2003, p. 19): “Em suas várias expressões da cibercultura trata-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes”.

Tendo em mente a proposta de refletir sobre as intersecções entre cultura, homem e sociedade, desenhadas e reordenadas a partir dos processos midiáticos, trago como eixo central para esta observação significações da morte circulantes na Internet. A escolha da morte como objeto de investigação se dá por se tratar de uma relação conflituosa, e, por isso mesmo, extremamente importante para o exercício reflexivo



sobre o homem, a cultura e a comunicação. A finitude humana, aliás, há muito é tida como elemento fundamental para compreensão do próprio homem como ser de cultura, que a partir da certeza de seu fim orienta sua conduta, suas normas, sua vivência em grupo (MORIN, 1997, p. 10).

Neste sentido, debruçar-se sobre as formas de representação da morte na cibercultura busca compreender como as especificidades das novas tecnologias, em particular da Internet, colaboram com as (re)significações culturais e sociais sobre o tempo finito a ser vivido pelos sujeitos, com todas as implicações individuais e coletivas que esta certeza carrega. Esta possibilidade de enxergar na morte, em especial na “morte midiática”, aspectos estruturantes do homem e da cultura atuais, considera em essencial a construção, nos meios, de um discurso que fala sobre e para a sociedade. “A mídia, portanto, explora aspectos fundamentais de como o homem contemporâneo coloca-se diante da morte e através das encenações de sentido que produz pode-se reconstruir cenários de significação do mundo contemporâneo” (BARBOSA, 2004, p. 14).

Em princípio, é prudente também esclarecer que as idéias que estimulam esta reflexão em nenhum momento consideram uma desconexão entre as representações sobre a morte construídas e circulantes na Internet daquelas que existem anteriormente e concomitantemente nas rotinas dos ambientes socioculturais não virtuais. Dito isto, reforço a noção de que a cibercultura, para além dos aparatos técnicos que são estruturantes para sua existência, é (como toda cultura) essencialmente humana. Justamente por isso, o “virtual que ocorre na Internet depende, fundamentalmente, do tipo de comunicação experimentado *pelos homens* que operam esses computadores” (JUNGBLUT, 2004, p. 102).

O que quero apontar, ao fazer tal ressalva, é a necessidade de manter a idéia de interferência mútua entre os signos culturais sobre a morte circulantes na Internet e aqueles produzidos fora dela. Isso possibilita que o objetivo da análise se concentre, de fato, em perceber como se reordenam tais representações sobre a finitude humana na cibercultura, através das inovações proporcionadas nestes novos processos de comunicação construídos no ambiente virtual.

A inscrição da morte na cibercultura torna-se um objeto ainda mais especial, ao meu ver, a partir da modificação das lógicas de “emissor e receptor” até então evidenciadas nos estudos da comunicação. Como é intrínseco da estrutura midiática e das práticas que constroem os sentidos circulantes na Internet, ali, no ambiente virtual, o indivíduo tanto emite como recebe os códigos que se inscrevem e configuram a



cibercultura. Falamos então de sentidos sobre a morte que se elaboram a partir de representações que dialogam (num sentido mais amplo do termo) e que, por isso, podem se reestruturar mutuamente.

A liberação do pólo de emissão é que possibilita, então, a emergência e multiplicidade de vozes no processo comunicacional e marca novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e na opinião e movimento social na rede (LEMOS, 2003). Se, neste contexto da cibercultura, apresento a inquietação do olhar sobre as representações da morte, entendo que o recorte mais coerente para privilegiar a diversidade de vozes que constroem estas significações nos processos de comunicação *online* está nas manifestações de luto. Afinal, enxergando mais detalhadamente o estado de luto, é possível afirmar que esta é a experiência mais próxima que o homem tem com a morte – uma vez que a própria morte não pode ser experimentada, nem sequer descrita, pelos sobreviventes. Assim, é a partir da condição de enlutado que o indivíduo - além de vivenciar a dor da perda - passa a notar mais nitidamente a sua própria condição de mortal.

Um primeiro ponto que enriquece este objeto de análise está na construção de maneiras incontáveis e distintas de evidenciar-se (e, por isso, de se expor, de se comunicar) como um sujeito enlutado na cibercultura. Muito além das manifestações tradicionais em que o indivíduo falecido é alguém próximo, no ambiente virtual é possível que a mensagem de luto se manifeste por alguém que o emissor, até o momento da exposição da condolência, não tenha nenhuma noção de quem seja, nem mesmo conheça sua família, ou saiba das condições exatas daquela morte.

Assim, tendo em vista o caráter inesgotável de diferenciação quanto às manifestações de luto na Internet, não coloco como intenção deste texto identificar padrões ou comportamentos predominantes. A idéia é sugerir um percurso que evidencie a diversidade de representações e sentidos atribuídos à morte, através das manifestações de luto, no ambiente virtual. Desta forma, com a intenção de facilitar a clareza e o recorte cultural da análise, tomo como base manifestações de luto expressas em sites brasileiros e/ou por usuários brasileiros. E ainda, na tentativa de limitar o foco do ensaio, divido as considerações entre as manifestações que revelam uma relação mais íntima entre enlutado e falecido e as demonstrações de luto para mortes que se tornam públicas pelas características de ampla exposição e conexão social propiciadas pela cibercultura.



Considerando que o velório é um dos primeiros ritos de passagem após a morte, cujo sentido se constrói no compartilhamento da dor dos enlutados e na redenção de homenagens à memória do falecido, é possível compreender a importância das relações sociais e expressões de condolência na fundamentação deste ritual. E, embora o velório apresente alterações de acordo com os grupos, períodos históricos, construções simbólicas e religiosas, uma característica se mantém de maneira quase uniforme: a reunião dos entes em torno do falecido – o que, obviamente, exigiria a presença física dos personagens num local e momento específicos.

A transposição deste ritual para a Internet se soma a uma série de outras manifestações do luto expressas na cibercultura. No Brasil, o velório virtual foi introduzido em 2000 pelo Grupo Vila<sup>3</sup> e hoje já está disponível na *web* por empresas sediadas em diversos estados do país. O serviço consiste na instalação de *web câmeras* nas salas de velório que transmitem imagens ao vivo da cerimônia via Internet, e ainda disponibiliza aos usuários um espaço para manifestação de condolências aos familiares.

A transmissão do velório *online*, em si, estimula o debate sobre os limites e os conceitos do que vem a ser público e privado no ambiente virtual. Nos moldes tradicionais, o desconforto gerado pela morte tem extraído o luto da esfera pública, tornando as cerimônias cada vez mais íntimas e balizadas pelo autocontrole da expressão emocional (ELIAS, 2001, p. 31). Ao passo em que este rito se torna um momento acessível à participação de qualquer usuário na Internet, tem-se uma nova configuração da expressão do luto e um alargamento de sua visibilidade.

Desta maneira, o velório virtual tanto demonstra a construção de novas formas de sociabilidade proporcionadas pela cibercultura quanto torna perceptível a reconfiguração de cerimônias tradicionais pelas novas significações dadas ao espaço e ao tempo neste contexto. Falamos aqui de um rito que mantém o preceito do “corpo presente” no caso do falecido, mas que passa a dispensar essa prerrogativa dos seus participantes. Além da ausência de referência física como um fator primordial que caracteriza as práticas sociais da cibercultura, temos no velório virtual a representação da noção de desterritorialização (BENTES PINTO, 2007) construída pelo ciberespaço.

O velório, tradicionalmente, se constitui num gesto de deferência coletiva para com o morto, sendo a reunião em torno do corpo um símbolo de zelo, de vigília, que salvaguarda a alma e assegura e boa partida do falecido. Com este mesmo sentido, as

---

<sup>3</sup> Empresa que gerencia funerárias, centros de velório, cemitérios e planos de assistência familiar nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba -[http:// www.grupovila.com.br/velorio\\_virtual/](http://www.grupovila.com.br/velorio_virtual/)



velas iluminam a alma e afastam os maus espíritos (REIS, 1991, p. 132). No ambiente virtual, se soluciona a impossibilidade de realizar a reunião presencial dos participantes através da cerimônia *online*. O hábito ascender velas, por sua vez, pode ultrapassar o momento do velório, sendo possível encontrar serviços de “altares virtuais<sup>4</sup>” em que o usuário envia uma mensagem (normalmente uma oração) e ascende uma vela com duração de sete dias (contados por um calendário e um relógio que indicam exatamente quando a vela virtual irá se apagar). Considerando que o serviço é disponibilizado por um período ininterrupto, não é difícil encontrar altares virtuais que mantenham velas acesas há alguns anos.

Estas elaborações dos ritos *online*, ressalte-se, não atenua a relevância da sociabilidade entre as pessoas ligadas ao falecido, tal como ocorre nos processos de luto das sociedades relacionais, como a brasileira, categorizadas por Roberto DaMatta (1991, p. 149). O que se tem exposto, na verdade, é a reordenação destas práticas frente às modalidades inauguradas pelas novas tecnologias. As sociabilidades construídas no ambiente desterritorializado, desta forma, se aproximam da idéia de “não-lugar” concebida por Marc Augé, cujas referências, embora reformuladas pelos aparatos da modernidade, mantêm relação direta com os sentidos construídos nos “lugares”, no cotidiano dos sujeitos:

A supermodernidade (que procede simultaneamente das três figuras do excesso que são a superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização das referências) encontra naturalmente sua expressão completa nos não-lugares. Por estes, ao contrário, transitam palavras e imagens que retomam raiz nos lugares ainda diversos onde os homens tentam construir uma parte de sua vida cotidiana (AUGÉ, 1994, p. 100).

Um segundo exemplo que contempla as manifestações de luto na cibercultura diz respeito às relações mantidas entre enlutados e falecidos. Em alguns sites de empresas que administram cemitérios e/ou serviços funerários, é possível encontrar sessões de “homenagens aos entes queridos”. O que torna interessante estes espaços é que as mensagens, em sua maioria, são dirigidas ao próprio falecido e, não raro, são construídas no tempo presente. A transcrição de um trecho pode ilustrar melhor tal situação: “Meu filho: é tudo muito dolorido ainda, quando você me vir chorando, não fique triste, peça a Deus por mim, pra que eu seja capaz de me erguer e de um dia voltar

---

<sup>4</sup>Exemplo de altar virtual disponível em: <http://www.altardosanjos.com.br/altarvirtual/altar.php?id=4553>.  
Data do Acesso: 30/06/2008.



a sorrir, te amo muito meu filho querido da minha alma... Descanse em paz... te amo, te amo, te amo”.<sup>5</sup>

Para o enlutado, a emissão da mensagem através do ambiente virtual ignora a construção de uma comunicação sem interlocutor, uma vez que se destina a alguém que não está mais vivo. O que parece importar, na verdade, é a manutenção deste vínculo, o que, aliado à expressão formulada no tempo presente sugere a negação da morte através do prolongamento da existência do falecido. Este vínculo e suas motivações são descritos por DaMatta (1991, p. 151), que observa a sociedade brasileira como relacional por atribuir grande importância às relações sociais. Isto, para o autor, termina se estendendo à relevância que damos em manter uma relação com os mortos, lhes dando características de pessoas que ainda vivem, conversando e trocando favores com os falecidos.

Além das homenagens construídas espontaneamente pelos enlutados, outras formas de relação podem ser observadas no ciberespaço. Nestes casos, a manutenção do vínculo se dá pela permanência do morto no ambiente virtual através de “rastros” lá deixados ainda em vida, que funcionam como uma representação do falecido naquele contexto. Este prolongamento da existência pós-morte no ambiente virtual é bem elaborado por Afonso de Albuquerque (2007, p. 2), que sugere o importante conceito de corporalização do ciberespaço para construir sua reflexão: mais do que a importação de valores e padrões do mundo físico para o ciberespaço, “trata-se de identificar os dispositivos que emprestam de algum modo à experiência do ciberespaço uma dimensão corpórea”.

Esta corporalização a que se refere Albuquerque assume uma dimensão significativa exemplificada através dos perfis elaborados pelos usuários do Orkut, site de relacionamento com ampla receptividade entre os internautas brasileiros<sup>6</sup>. A construção de uma representação de si próprio, descrita a partir de diversos recursos expressivos, permite ao usuário estabelecer fortes laços de sociabilidade que asseguram sua participação, sua presença no Orkut, mesmo quando se está *offline*. Neste caso, quando os perfis permanecem ativos após a morte do usuário, tem-se a situação da presença contínua do morto, o que não permite o esquecimento do fato e torna a elaboração do luto mais embaraçosa:

---

<sup>5</sup> Mensagem enviada em 30/06/2008, às 12h24min.

Disponível em <http://www.grupovila.com.br/homenagens/> Data do acesso: 01/07/2008.

<sup>6</sup> Cerca de 70% dos usuários mundiais do Orkut são brasileiros (ALBUQUERQUE, 2007)

Em inúmeros aspectos, os mortos *orkutianos* se parecem muito com os vivos. Suas fotografias frequentemente apresentam pessoas cheias de vida, flagradas em festas, viagens e na companhia de amigos. Os seus perfis e comunidades indicam uma vida psicológica rica e diversificada: um gosto e uma sensibilidade próprios, sonhos, frustrações e planos para o futuro. As listas de amigos, recados e testemunhais dão ao morto um lugar nas relações sociais. Naturalmente, em todos estes aspectos destaca-se o espectro de uma lacuna: aquela pessoa não existe mais, seus amigos não podem mais contar com ela; seus planos perderam, de súbito, todo o sentido. Os mortos *orkutianos* permanecem congelados em um eterno presente desprovidos de futuro (ALBUQUERQUE, 2007, p. 5).

Esta permanência do perfil do falecido no ambiente virtual torna obrigatória a sua “convivência” entre os vivos. Este fato, bem próprio das reordenações de sentido construídas na cibercultura, aponta o conflito existente nas re-significações dos ritos de passagem, em especial as manifestações de luto, na Internet. Neste ponto, é válido lembrar que o papel tradicional dos ritos manifesta a necessidade humana de solucionar seus problemas com a desordem provocada pela morte. Os ritos asseguram a partida do morto e com isso mantém distantes as lembranças que remetem à relação conflituosa entre o homem e a (própria) morte (RODRIGUES, 1983, p. 45).

No caso dos falecidos que se mantém presentes no ambiente virtual, sua permanência conduz a resignificação da manifestação de luto e colabora para a manutenção da relação entre enlutados e (representações dos) falecidos. O que se observa, então, são mensagens dirigidas ao morto, através do seu perfil *orkutiano*: “Só vcs mesmo pra me fazerem chorar ainda véi! De onde vem lágrima?...!!! Juro por tudo,... ainda sinto como se fosse receber uma resposta por esta msg! Deus queira que eu receba,... de algum modo,... q vcs estão cuidando de nós! Q SAUDADE”<sup>7</sup>.

As mensagens dedicadas aos falecidos podem, também, assumir características de códigos padronizados como D.E.P. (Descanse em Paz) e R.I.P. (expressão latina: *resquiescat in pace*: descanse em paz). Neste caso, desperta a atenção o estabelecimento de protocolos e rituais que são compartilhados, expressos e compreendidos pelos usuários - o que designa sentido e auxilia na organização e congregação das comunidades virtuais (BENDES PINTO, 2007, p. 81).

A noção de comunidade remete ao compartilhamento simbólico de interesses destes usuários, que, no caso de indivíduos em estado de luto, sugere uma sociabilidade

---

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Scrapbook.aspx?uid=7884127701080331813>. Data do acesso em 01/07/2008.





que se funda na aproximação de um sentimento, se uma experiência em comum. Alguns recursos, na Internet, são demonstrações claras desta conexão social em torno dos mortos, como é o caso das comunidades *orkutianas*, blogs ou fotologs, construídos como espaços dedicados aos falecidos. Sendo um espaço de homenagem, sua visibilidade e apoio através da concentração de membros, torna-se fator de relevância. Por isso, é comum que o convite à participação, que pode se dar na comunidade ou no próprio perfil *orkutiano* dos seus moderadores, de estenda inclusive a não conhecidos do falecido: “Gostaria de pedir a todos que abrirem meu perfil me ajudem a homenagear meu filho \_\_\_\_\_ entrando na comunidade que criei para ele<sup>8</sup>”.

Nestes ambientes, tomando como exemplo as comunidades *orkutianas*, observa-se uma primeira distinção entre as manifestações dos enlutados *de fato* pela perda da pessoa homenageada, e dos usuários que prestam condolências sem conhecer o falecido ou a família. Neste segundo caso, diferenciam-se ainda os que se manifestam por compartilhar a experiência e o sentimento, pelo luto de um outro falecido, daqueles que não se configuram como enlutados, mas que também manifestam seu pesar.

Quando existe uma similaridade de interesses e experiências, é possível perceber entre os usuários do Orkut em estado de luto, uma aproximação que sugere um vínculo, a partir de uma possível troca intersubjetiva: “Oi amiga...eu tbm tenho um anjinho no céu, assim como vc... Não consegui te add, tenta vc me add para conversarmos e podermos passar força uma para a outra... Que Deus nos abençoe. Bjs.<sup>9</sup>” Desta forma, percebe-se no ciberespaço a pertinência em observar mais proximamente o vínculo que assegura para os estes sujeitos a possibilidade de externar suas angústias provocadas pelo estar enlutado. Possibilidade esta que pode ser notada como interesse, e, também, como projeções subjetivas dos atores que investem na manutenção desta sociabilidade.

A partir da idéia de que existe na Internet uma busca intensa pela conexão social, é prudente observar o quanto as relações *online* mantém em sua essência valores que fundam os papéis e as relações sociais estabelecidas nos ambientes fora da rede. Assim, ao considerar as aproximações entre ambas, percebe-se que no ciberespaço, tal como nos outros ambientes socioculturais, são mantidas as teatralizações do cotidiano, os conflitos e as contradições da existência do sujeito perante o coletivo (LEMOS, 2003).

---

<sup>8</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=10397969099013999567>. Data do acesso: 30/06/2008.

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.orkut.com/community.aspx?cmm=8027350>. Data do acesso: 30/06/2008.

Desta maneira, a idéia de laços sociais mantidos, valores compartilhados e linguagem comum como traços próprios do reconhecimento das comunidades virtuais, estimula a observação das manifestações de luto e comportamento dos usuários perante os pares, na cibercultura. No caso dos enlutados, é comum que demonstrem sua tristeza a partir da reconfiguração dos seus próprios perfis *orkutianos*. O estado de luto fica evidenciado pelas mudanças de sobrenome (ex. João LUTO), inclusão de mensagens e fotos dedicadas aos falecidos. Se considerarmos que a partir da corporalização do ciberespaço o sujeito enlutado também elabora em seu perfil *orkutiano* uma representação de si, é compreensível a transformação desta exposição *online* em auto-expressão do sentimento de luto. Pois, o interdito social sofrido pelo enlutado nos ambientes socioculturais do cotidiano torna incoerente a manutenção de um perfil *online* que não manifeste a dor, ou ainda, que permaneça inalterado com imagens e mensagens idealizadas que remetem a momentos de alegria.

A alteração do perfil do enlutado no Orkut, assim, significa a própria representação do seu estado – um recurso que expressa seu sentimento ao grupo, através de códigos que são compreendidos pelos usuários que compartilham aquele espaço. Esta conexão a partir de expressões individuais que alcançam significação coletiva, lembra a construção de Marcel Mauss (1950, p. 147-153) sobre a expressão obrigatória dos sentimentos:

Não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação.

[...] um considerável número de expressões orais de sentimentos e emoções [...] têm unicamente caráter coletivo. Digamos logo que este caráter não prejudica em nada a intensidade dos sentimentos, muito pelo contrário. [...] Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica.

Interessa observar que esta situação refletida como expressão obrigatória dos sentimentos se restringe aos usuários que alteram seu perfil pela *perda efetiva* de alguém próximo. No entanto, dentre as formas de re-elaboração das significações do



luto presentes no Orkut, existem ainda usuários que re-configuram suas identidades *orkutianas* para comunicar um luto por mortes de ídolos, mortes polêmicas ou amplamente difundidas pela mídia, ou ainda, declaram luto por motivos não mortuários, como a perda de um campeonato esportivo.

Mantendo a observação sobre lutos de significação essencialmente mortuária, percebe-se esta manifestação de pesar pelo falecimento de desconhecidos do usuário como algo amplamente difundido no Orkut. A expressão de condolências no ambiente virtual encontra larga representação nas comunidades de homenagens a vítimas cujas mortes são amplamente difundidas como notícia pelos meios de comunicação, ou no caso de falecidos que tem reconhecimento público. Como exemplo, a menina Isabella de Oliveira Nardoni, cuja morte, em março de 2008, foi amplamente noticiada pelo fato de seu pai e madrasta serem apontados como principais suspeitos do crime, tem mais de 1000 comunidades em sua memória no Orkut. Trata-se, portanto, de “mortes midiáticas”, cuja encenação viabilizada pela mídia, torna possível a comoção pública (BARBOSA, 2004, p. 13).

No caso de expressões de luto dirigidas a falecidos desconhecidos, cujos perfis *orkutianos* permanecem após sua morte, é comum que as mensagens enviadas pelos usuários que não o conheciam em vida, se restrinjam aos códigos padrões circulantes na Internet (D.E.P. e R.I.P.). O uso de expressões fragmentadas, superficiais, no entanto, não é exclusivo da cibercultura. São manifestações próprias do processo de individualização da dor, que baliza as expressões de luto nos ambientes socioculturais existentes fora da rede. Nestes contextos, as relações sociais mantidas nos ritos de despedida, incluindo o luto, tornam-se constrangidas pela falta de noção daquilo que pode/deve ser dito, tornando as expressões de sentimentos minimizadas e as condolências “padronizadas”, como esclarece Elias (2002, p. 32):

A convenção social fornece às pessoas umas poucas expressões estereotipadas ou formas padronizadas de comportamento que podem tornar mais fácil enfrentar as demandas emocionais de tal situação. Frases convencionais e rituais ainda estão em uso, porém mais pessoas do que antigamente se sentem constrangidas em usá-las, porque parecem superficiais e gastas.

O uso de tais condolências, embora em largo uso no ambiente virtual, já demonstra este desgaste de que trata Elias, provocado pela evidente superficialidade das condolências manifestadas por quem não está inserido naquele processo de luto. Uma



comunidade intitulada “Não ao RIP e DEP nos profiles”<sup>10</sup> foi fundada com o propósito de banir o uso destas mensagens. Sua descrição esclarece o exemplo proposto:

aê galera..... essa comu eh p/ todos aqueles q acham um absurdo essa turma de gente de má fé ou má informada q fica colocando RIP e DEP nos profiles de pessoas falecidas...  
queremos explicar q essas devem ser siglas internas da PGM... não conhecemos a 'vítima', e esse é um momento de dor, tristeza para sua família e amigos, e não é legal vc chegar e sentir mais dor ainda pq um 'santo' resolveu colocar RIP e DEP lá... então, formaremos um 'batalhão' anti-RIP/DEP na pgm....

A transcrição acima faz referência a mais popular comunidade *orkutiana* dedicada a observação dos “rastros” deixados pelos usuários do Orkut falecidos, a Profile de Gente Morta (PGM), que em 05/07/2008 contava 48.923 membros. Em essência, a PGM destina-se a troca de informações e comentários sobre os perfis dos falecidos e suposições sobre as circunstâncias da morte, opiniões sobre o possível caráter do morto e fatos de sua vida “real” que possam se revelar a partir da sua página pessoal. Para Afonso de Albuquerque (2007, p. 8) esta busca pela essência da vida real do falecido é a grande motivação de comunidades como esta:

Para os membros dessas comunidades, o *Orkut* parece ser, simultaneamente, um espaço de ocultação e de revelação acerca das verdades do mundo real, e a morte se apresenta como uma oportunidade ímpar para conhecer aspectos autênticos dos bastidores da vida dos usuários, que se escondem por detrás da fachada representada pela *persona orkutiana* (GOFFMAN, 1985). Morto, o usuário não poderia mais conduzir o espetáculo da sua auto-apresentação, e seria finalmente exposto nos seus traços mais íntimos e fundamentais. É, pois, uma busca pela autenticidade da vida “real”, por detrás das pistas deixadas no mundo “virtual” que move boa parte dos freqüentadores dessas comunidades.

O que desperta a atenção, além de todo o conteúdo debatido nestas comunidades e seus modos de organização e funcionamento, é a participação expressiva de membros cujos perfis são criados com propósitos *voyerísticos* que se asseguram pelo anonimato da identidade “real” dos usuários: os chamados *fakes*. O uso deste artifício revela a intenção de não ter o seu perfil *oficial*, ou sua identidade “real”, associados a comentários ou interesses sobre a morte alheia perante os demais usuários do ambiente

---

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=18262920>. Data do acesso em 30/06/2008.



virtual. Este aspecto é bem importante, pois revela uma situação contraditória em que existe o interesse (devidamente expresso pela quantidade de membros inscritos), mas junto a ele a manutenção de normas sociais que tornam vigente o tabu da morte, como assunto delicado, objeto de interdição, sobre o qual não se fala (ARIÉS, 2003, p. 84).

O anonimato, através dos *fakes*, é um dos recursos que fundamentam as práticas sociais inauguradas pelas novas tecnologias da comunicação. Importa perceber, contudo, que o seu uso não deve ser associado a interesses mórbidos ou sensacionalistas, simplesmente. Uma consideração neste sentido seria proveniente dos próprios preceitos morais, sociais e culturais que sustentam a morte enquanto tabu na sociedade ocidental. Seria recomendável, portanto, procurar observar este uso como uma possibilidade, proporcionada pela cibercultura, de refletir acerca de relação conflituosa que se estabelece entre homem e morte.

O que fica evidente, nas mais diversas formas de manifestação do luto, ou reflexões sobre a morte contidas no ciberespaço (e este ensaio percorre apenas uma pequena parte deste caminho), é que novas sensibilidades, novas formas de abordar o tema e de expressar as angústias provocadas pela finitude estão sendo construídas na cibercultura. Não é possível definir o quanto estas manifestações podem significar reforços, remodelações ou mesmo modificações no estado de interdito que sustenta a morte nos bastidores da vida social na nossa cultura. Aliás, tendo em vista se tratar de uma relação tensa e contraditória, não é de espantar que as construções simbólicas sobre a morte evidenciadas na cibercultura também estejam imbuídas destes conflitos. Afinal, se a cibercultura é essencialmente humana, seus aparatos e seus conteúdos “inevitavelmente carregam dentro de si nossas contradições e paradoxos” (SANTAELLA, 2003, p. 30).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Afoso de. Viver e morrer no orkut: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço. In: *Texto*, Porto Alegre, edição 17, dezembro, 2007. Disponível em <http://www.intexto.ufrgs.br/>. Data do acesso: 12/06/2008.

ARIÈS, Philippe. \_\_\_\_\_. *A história da morte no Ocidente*. Trad. Priscila Viana Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AUGÉ, Marc. Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BARBOSA, Marialva. A morte imaginada. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação Em Comunicação/Compós, 13. 2004, São Bernardo do Campo.

BENTES PINTO, Virginia; BEZERRA, Fabiola; SILVA NETO; COSTA; CYSNE. "Netnografia": uma abordagem para estudos de usuários no ciberespaço In: Anais do 9º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. Lisboa : APBAD, 2007. p. 79-95. Disponível em [http:// badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM90.pdf](http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM90.pdf). Data do acesso: 28.01.2008.

DAMATTA, Roberto. Morte: a morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 4º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. p. 143-169.

ELIAS, Norbert. \_\_\_\_\_. *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 10, nº 21, pp. 97-121, jan-jun, 2004.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, 2003. pp 11-23.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1950.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.



RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n° 22, pp 23-32, dezembro, 2003.